

Como será a felicidade eterna?

A Transfiguração foi para os discípulos um antegoço do Céu e uma imensa consolação para enfrentar as futuras provações da Paixão e Morte de Jesus. Também todo batizado recebe consolações, como estímulo para perseverar no serviço de Deus.

I - A IMENSA FELICIDADE DO PARAÍSO CELESTE

ão Paulo declara aos coríntios ter sido arrebatado ao Céu, em certo momento de sua vida, onde ouviu o que era impossível transmitir e menos ainda explicar: “foi arrebatado ao Paraíso e lá ouviu palavras inefáveis, que não é permitido a um homem repetir” (II Cor 12, 4).

De fato, para os místicos torna-se difícil externar suas experiências interiores, e daí bem podemos compreender o quanto faltaram a São Paulo os termos de comparação para relatar o que com ele se passara, pois, segundo o que ele mesmo havia dito anteriormente: “os olhos não viram, nem os ouvidos ouviram, nem o coração humano imaginou, tais são os bens que Deus tem preparado para aqueles que O amam” (I Cor 2, 9). Essa é a maravilha que nos aguarda no momento de ingressarmos na vida eterna. E esse deve ter sido um considerável motivo para São Paulo perseverar até a hora de seu martírio, apesar de ter ele visto então apenas reflexos do Absoluto que hoje contempla face a face.

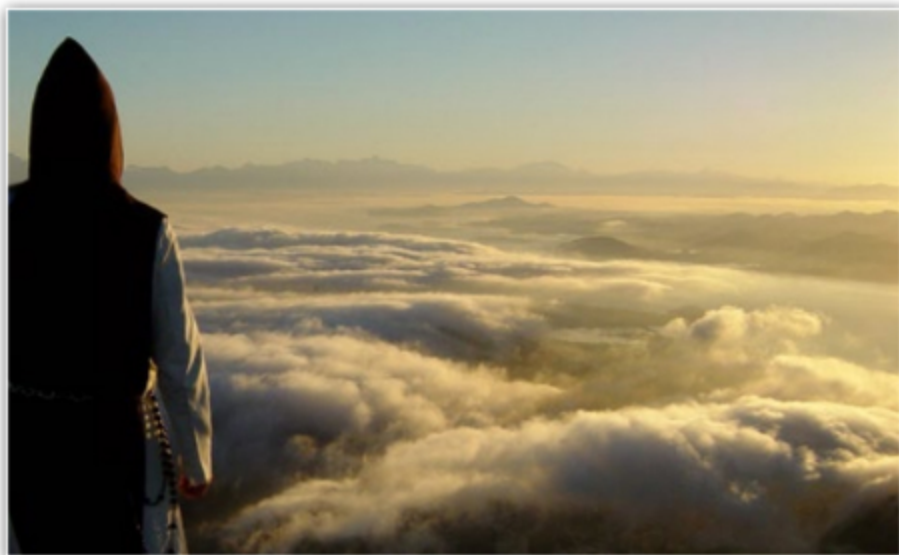
Consideremos em profundidade — até onde pode alcançar nossa inteligência fortalecida pela fé — qual será a essência de nossa felicidade quando ingressarmos na visão beatífica.

Visão beatífica e conhecimento de Deus através das criaturas

Segundo São Tomás de Aquino,¹ todos os seres criados por Deus poderiam ter sido superiores, com exceção de três: a humanidade de Cristo, por estar unida hipostaticamente à Pessoa do Filho; a Virgem Santíssima, por ser Mãe de Deus; e a visão beatífica, por se tratar de visão do próprio Deus.

São Paulo afirma ser imperfeito nosso conhecimento nas atuais circunstâncias, mas “quando chegar o que é perfeito, o imperfeito desaparecerá” (I Cor 13, 10). E torna ainda mais clara essa ideia utilizando-se desta comparação: “Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Desde que me tornei homem, eliminei as coisas de criança. Hoje vemos como por um espelho, confusamente; mas então veremos face a face” (I Cor 13, 11-12).

Tão rico foi o universo teológico recebido por São Paulo diretamente do próprio Cristo Jesus que, às vezes, teses de



Mauro Taniguchi

“Desde a criação do mundo, as perfeições invisíveis de Deus,
o seu sempiterno poder e divindade,
se tornam visíveis à inteligência, por suas obras” (Rm 1, 20)

Nascer do Sol no Rio de Janeiro

1) Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I, q.25, a.6, ad 4.

preciosa substância ficam involucradas em meio de outros temas, ao longo de suas epístolas. Esta, em concreto, é uma delas. De fato, nosso conhecimento é imperfeito, pois, quer seja no campo natural da pura inteligência, ou no sobrenatural, mediante a virtude da fé, e inclusive no da profecia, tem uma nota comum: a elaboração subsequente realizada com base nos conceitos criados e com o esforço da abstração.

Pelo contrário, ao vermos a Deus face a face, a fé redundará em visão e se evanescerá com todo o conhecimento abstrativo.

“Hoje vemos como por um espelho”, ou seja, por meio de um instrumento; conhecemos a Deus só porque “desde a criação do mundo, as perfeições invisíveis de Deus, o seu sempiterno poder e divindade, se tornam visíveis à inteligência, por suas obras” (Rm 1, 20). E é a partir desse contato direto com as criaturas que elaboramos outros motivos e princípios através da própria fé, utilizando conceitos criados. Por tal razão é obscuro nosso conhecimento e, portanto, imperfeito. Porém, quando chegar o fim, teremos um conhecimento imediato, claro e total de Deus, se bem que não possamos conhecê-Lo totalmente.

A felicidade do ser inteligente: o exercício de suas faculdades

Talvez entendamos ainda melhor essa questão se seguirmos o pensamento do Doutor Angélico.² Segundo ele, o desejo de felicidade do ser inteligente leva-o a buscar sua própria perfeição, exercitando suas mais elevadas faculdades. Isto se verifica até quanto aos próprios sentidos, e por isso podemos constatar que o olho se regozija ao ver, e o paladar, ao saborear. E em consequência constitui um tormento a inatividade forçada dos mesmos.

Ora, a felicidade do ser inteligente também se verifica no exercício de suas faculdades e tornar-se-á ele tanto mais feliz quanto mais nobres sejam essas faculdades e mais formoso e elevado o objeto sobre o qual se exerçam. Não há dúvida de que, naturalmente falando, nada há de mais excelente no homem do

2) Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma contra os gentios*. L.III, c.100, n.2-3.

que sua inteligência e nada pode superar a Suprema Verdade que é o próprio Deus. É na inesgotável e sempre renovada visão beatífica que o homem encontra a plenitude da felicidade, extensiva a todas as suas apetências legítimas, como, por exemplo, o desejo de governar: “e reinarão com Ele” (Ap 20, 6); ou a necessidade dos bens: “com ela me vieram todos os bens, e nas suas mãos inumeráveis riquezas” (Sb 7, 11). “A nossa presente tribulação, momentânea e ligeira, nos proporciona um peso eterno de glória incomensurável” (II Cor 4, 17).

Amor: a procura incessante de Deus

O mesmo se pode dizer quanto à vontade, pois no Céu claramente veremos a Deus face a face como o compêndio de todo bem, tal qual nos ensina São Tomás: “A razão comum da bem-aventurança é o bem comum perfeito. Assim o significou [Boécio] quando disse que é ‘o estado perfeito da reunião de todos os bens’, não significando outra coisa por isso, senão que o bem-aventurado está no estado do bem perfeito”.³ E mais à frente torna ainda mais claro o conceito: “A bem-aventurança perfeita [...] possui a reunião de todos os bens, devido à união com a fonte universal de todo bem. Assim, não necessita de cada um dos bens particulares”.⁴

Daí compreendermos o porquê de certos Santos terem experimentado uma tal carga mística de amor que quase chegaram ao desfalecimento. Quiçá possamos ter melhor ideia de quão imensa e plena será a felicidade de nossa vontade no Céu, ao analisarmos a razão do movimento de nosso amor às criaturas, aqui na Terra. Sem nos darmos conta, portanto, quase sempre de maneira implícita, ao amarmos, estamos buscando um reflexo de Deus existente nestes ou naqueles objetos de nosso amor.⁵ Tendo isto diante dos olhos, podemos nos perguntar: qual não será nossa felicidade no Céu, ao depararmos com o próprio Deus, face a face?

3) SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I-II, q.3, a.2, ad 2.

4) Idem, a.3, ad 2.

5) Cf. Idem, I, q.44, a.4, ad 3.

Gozo: a posse do bem desejado

Dessa visão de Deus face a face e desse amor recíproco entre mim e Ele redundará um eterno e indescritível gozo, pois quando tomo posse de um objeto sempre muito desejado por mim, torno-me feliz. Enquanto ele não me pertence, eu me consumo por obtê-lo. Ao recebê-lo por minha propriedade definitiva, nele repouso e dele desfruto. Nisso consiste a felicidade. Quanto melhor for o objeto e maior sua duração, proporcionalmente mais intenso será o meu gozo daí resultante.

O ser humano, na essência de seu espírito, especificamente é inteligência e amor. No Céu, o desejo de conhecer se satisfaz de forma plena na visão da Verdade, Bondade e Beleza, ou seja, do próprio Deus. E a ânsia de amar e ser amado se aplaca inteira, pois não só amaremos a Deus, como também seremos cientes e experientes de todo o amor que Ele nos tem. E, ademais, por toda a eternidade vendo aspectos novos do Ser Absoluto e Infinito, acrescidos pelo insuperável convívio de Jesus em sua santíssima humanidade, da Virgem Maria, nossa Mãe, dos Anjos e dos Santos.

O que é o Céu?

Esse é o Céu, “o fim último e a realização de todas as aspirações mais profundas do homem, o estado de felicidade su-



Por toda a eternidade veremos aspectos novos do Ser Absoluto e Infinito, acrescidos pelo insuperável convívio de Jesus em sua santíssima humanidade, da Virgem Maria, nossa Mãe, dos Anjos e dos Santos

prema e definitiva”;⁶ e essa é a glória que transparece no Tabor, ao transfigurar-Se o Senhor. Manifestou aos três Apóstolos a clareza de sua Alma e de seu Corpo para animá-los, em função da glória final, a percorrerem o espinhoso e dramático caminho do Calvário e, com fortaleza de alma, aceitarem o futuro martírio no epílogo de suas vidas.

Com esse fundo de quadro, analisemos o Evangelho deste 2º Domingo da Quaresma.

II - A TRANSFIGURAÇÃO DO SENHOR

Naquele tempo, ¹ Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João, seu irmão, e os levou a um lugar à parte, sobre uma alta montanha.



ão Lucas fala em uns oito dias (cf. Lc 9, 28). Será mais fácil compreender quão aparente é essa discrepância se levarmos em conta que um Evangelista considera o dia de saída e o de chegada, enquanto Mateus — ao falar em “seis dias depois”, neste primeiro versículo completo — só se refere aos intermediários, como nos explica São Jerônimo.⁷ O “depois” toma como referência a cena da confissão e primado de Pedro, na Cesareia. Dali partem rumo ao Monte Tabor, que dista aproximadamente 80 km, situado nos confins da Galileia e da Samaria. O Divino Mestre se comprazia com o alto das montanhas, e ali procurava prodigalizar seus grandes mistérios.

Nesse caso concreto, escolheu o Tabor talvez para simbolizar a necessidade de elevarmos nossos corações sobre as coisas deste mundo e, em consequência, com mais facilidade nos entregarmos à meditação das verdades eternas e delas tirarmos todo proveito, conforme as palavras de São Remígio: “Com isto o Senhor nos ensina que é necessário, para quem deseja contemplar a Deus, não se deixar atolar nos baixos prazeres, mas elevar a alma para as coisas celestiais, por meio do amor às realidades superiores. Ensina ainda a seus discípulos que não devem

6) CCE 1024.

7) Cf. SÃO JERÔNIMO, apud SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Catena Aurea*. In *Matthæum*, c.XVII, v.1-4.

procurar a glória de sua beatitude divina nas regiões inferiores do mundo, e sim no reino da beatitude celestial. E são levados separadamente, porque todos os Santos estão apartados, com toda a sua alma e pela direção da fé, de qualquer mancha, e serão radicalmente separados nos tempos vindouros; ou também porque muitos são os chamados e poucos os escolhidos”.⁸

Os comentários se multiplicam a propósito da razão de ter Jesus escolhido esses três Apóstolos para gozarem do convívio glorioso do Senhor. Um motivo claro e imediato salta logo aos olhos: estes veriam mais de perto as humilhações pelas quais passaria o Salvador. Como também era fundamental haver algumas testemunhas da glória de Jesus para sustentarem, na prova da Paixão, os Apóstolos em suas tentações.

Apartar-se das criaturas é condição indispensável para entrar em contato com Deus e, mais ainda, para vê-Lo.

A refulgência esplendorosa da Alma de Jesus

² E foi transfigurado diante deles; o seu rosto brilhou como o Sol e as suas roupas ficaram brancas como a luz.

No que terá consistido essa transfiguração? Evidentemente, não viram os Apóstolos a divindade do Verbo de Deus, inacessível aos olhos corporais. Viam apenas uma fímbria dos fulgores da verdadeira glória da humanidade sagrada de Jesus. É provável que fosse nada mais do que o dom da claridade da qual gozam os corpos gloriosos.

Tenhamos presente o quanto o Salvador tinha preferência pela noite para rezar, e por isso esse marcante acontecimento deve ter-se dado após o entardecer, em meio aos silêncios da natureza. Pois também desta forma Ele Se manifesta a nós, quando fazemos calar, em nosso interior, o bulício das criaturas e buscamos as luzes do alto, depois de termos apagado as de aqui debaixo.

“O seu rosto se assemelhava ao Sol” (Ap 1, 16), ou seja, raios de luz partiam de sua sagrada face e se espalhavam a boa distância. Sem deixar de ser a mesma fisionomia, nada mais

8) SÃO REMÍGIO, apud SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Catena Aurea*, op. cit.

possuindo de conotações terrenas, tornou-se radiante de brilho e esplendor, com plena vitalidade e doçura. Bem podemos imaginar sua grandeza ao vir julgar os vivos e os mortos no fim dos tempos, uma vez que seu rosto será ainda muitíssimo mais brilhante nessa ocasião.

Por mais requintada que seja a arte humana, difícil lhe é superar certas belezas da natureza saídas das mãos de Deus. Acima dessas, estão as maravilhas da graça, as quais ultrapassam todos os limites. Assim deveriam ser as vestes de Jesus durante sua Transfiguração, bem diferentes, aliás, das usadas por nós nestas vias que terminam na morte. Essa refulgência das roupas de Jesus era pálida exteriorização da glória de sua adorável Alma, bem-aventurada pela graça de união e por encontrar-se na visão beatífica desde o primeiro instante de sua criação.



Gustavo Kral]

Se a fé dos Apóstolos necessitasse de uma confirmação testemunhal, ali estavam dois máximos representantes da Lei e dos profetas adorando a Cristo Jesus

Quanta ilusão causam, às vezes, nossos alfaiates, costureiras e modistas, quando com certo sucesso, por suas habilidades, conseguem encobrir defeitos de um corpo concebido no pecado e por ele tismado. Nestes casos, a roupa acaba por retificar as linhas tortas da natureza. Durante a Transfiguração tudo foi diferente; a pulcritude da Alma de Jesus revestiu sua natureza humana perfeitíssima. Foi a glória interior que se explicitou ante o olhar de quem teve a felicidade de estar no Tabor naquele momento.

O poder sobre a morte e a vida

³ Nisto apareceram-lhes Moisés e Elias, conversando com Jesus.

Se a fé dos Apóstolos necessitasse de uma confirmação

testemunhal, ali estavam dois máximos representantes — um da Lei e outro dos profetas — adorando a Cristo Jesus. Intimamente ligados ao Messias, cumpriam de maneira soberana as exigências jurídicas para a autenticidade de um testemunho absoluto. Termina a Lei, cumprem-se as profecias. Toda a criação se prostre aos pés do Prometido das nações!

Esses dois grandes personagens aparecem na Transfiguração do Senhor, segundo nos assegura São João Crisóstomo, “para que se soubesse que Ele tinha poder sobre a morte e sobre a vida; por esta razão apresenta Moisés, que tinha morrido, e Elias, que ainda vivia”.⁹



Gustavo Kralj

Ali estava o próprio Moisés, que outrora dissera ao povo eleito: “O Senhor teu Deus te suscitará dentre os teus irmãos um profeta como eu: é a ele que deves ouvir” (Dt 18,15)

Papel das consolações na vida

⁴Então Pedro tomou a palavra e disse: “Senhor, é bom ficarmos aqui. Se queres, vou fazer aqui três tendas: uma para Ti, outra para Moisés, e outra para Elias”.

Pedro será confirmado em graça apenas em Pentecostes; até lá, sua loquacidade lhe confere o mérito da manifestação de fé na divindade de Jesus (cf. Mt 16, 16; Mc 8, 29; Lc 9, 20), ou o demérito da promessa temerária de jamais romper sua fidelidade (cf. Mt 26, 33-35; Mc 14, 29; Lc 22, 33; Jo 13, 37), ou da negação na casa do sumo sacerdote (cf. Mt 26, 69-74; Mc 14, 66-72; Lc 22, 55-60; Jo 18, 25-27). No Tabor, penetrado de desmedida

9) SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, apud SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Catena Aurea*, op. cit.

alegria, deseja perpetuar aquela felicidade. Pedro não estava ainda suficientemente instruído pelo Espírito Santo para saber o quanto a Terra não era o ambiente para o gozo permanente. Não tinha noção de quanto as consolações são auxílios passageiros concedidos por Deus para nos estimular em seu serviço e a sofrer por Ele.

“Eu e o Pai somos um”

⁵ Pedro ainda estava falando, quando uma nuvem luminosa os cobriu com sua sombra. E da nuvem uma voz dizia: “Este é o meu Filho amado, no qual Eu pus todo meu agrado. Escutai-O!”

Nas Escrituras Sagradas, aparece algumas vezes esta ou aquela nuvem para simbolizar a presença de Deus e sua teofania. Várias são as passagens do Êxodo em que elas são utilizadas como sinais sensíveis da manifestação divina: “apareceu na nuvem a glória do Senhor!” (16, 10); “E logo que ele acabava de entrar, a coluna de nuvem descia e se punha à entrada da tenda, e o Senhor se entretinha com Moisés. À vista da coluna de nuvem, todo o povo, em pé à entrada de suas tendas, se prostrava no mesmo lugar” (33, 9-10), etc.

Não resta a menor dúvida de ser do Pai a voz que proclama: “Este é o meu Filho”. E de fato, analisando em profundidade, somente Cristo Jesus preenche todos os requisitos de Filho perfeito. Possui a mesma substância do Pai de maneira tão plena e cabal que constitui uma só e mesma coisa com este: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10, 30). É, portanto, igual ao Pai: “Aquele que Me viu, viu também o Pai” (Jo 14, 9).

Em suas duas naturezas, Ele é a Palavra que manifesta o Pai: é “esplendor da glória e imagem do seu Ser” (Hb 1, 3), enquanto Deus. Por outro lado, também o fez através de sua humanidade: “Manifestei o teu nome aos homens que do mundo Me deste” (Jo 17, 6); “glorifiquei-Te sobre a Terra; acabei a obra que Me deste a fazer” (Jo 17, 4). Além disso, foi de uma insuperável obediência: “Não se faça, todavia, a minha vontade, mas sim a tua” (Lc 22, 42); “meu alimento é fazer a vontade d’Aquele que Me enviou e cumprir a sua obra” (Jo 4, 34);

“tornando-Se obediente até a morte, e morte de Cruz” (Fl 2, 8). Sempre em inteira submissão, imitando-O em tudo: “o Filho de Si mesmo não pode fazer coisa alguma; Ele só faz o que vê fazer o Pai” (Jo 5, 19).

Se bem que sejamos verdadeiros filhos de Deus, como nos assegura o salmista — “Eu disse: Sois deuses, sois todos filhos do Altíssimo” (Sl 81, 6) —, nós o somos por misericordiosa adoção. O Filho de Deus por natureza é um só: “O Filho de Deus veio e nos deu entendimento e luz para conhecer ao verdadeiro Deus” (I Jo 5, 20).

“Este é o meu Filho amado, no qual Eu pus todo meu agrado”

Quando amamos algo, buscamos uma bondade que pree-xiste nesse algo, enquanto reflexo do próprio Deus. Nosso amor não é eficiente a ponto de produzir a bondade nos objetos por nós amados. Pelo contrário, o amor de Deus, segundo São Tomás de Aquino,¹⁰ é tão rico que introduz a bondade nos seres por Ele amados. Ele é a Bondade por essência e a difundiu por todas as suas criaturas. Porém, aqui afirma o Pai ter colocado “todo” o seu agrado em seu Unigênito, tal qual no-lo declara São João: “O Pai ama o Filho e confiou-Lhe todas as coisas” (Jo 3, 35). Logo, ao colocar n’Ele todo o seu amor, pôs n’Ele, toda a sua bondade.

“Escutai-O!”

Ali estava o próprio Moisés, que outrora dissera ao povo eleito: “O Senhor, teu Deus, te suscitará dentre os teus irmãos um profeta como eu: é a ele que deveis ouvir” (Dt 18, 15). A ele, mais tarde, se associaria a voz de um outro mestre: Elias.

Os mestres do Antigo Testamento eram autênticos enquanto procuravam anunciar o Messias vindouro ou sua doutrina. O mesmo se deve afirmar a respeito de todos os que vieram depois de Cristo: serão eles verdadeiros mestres na medida em que aprenderem e transmitirem a doutrina do Divino Mestre, tal

10) Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I, q.20, a.2.

qual Ele mesmo afirmou: “um só é o vosso Mestre” (Mt 23, 8). Ele não ensina como um professor comum que busca ilustrar seus alunos por meio de puros raciocínios, Ele Se baseia em seu conhecimento, por ser a Sabedoria infinita, e em sua autoridade de Filho de Deus, exigindo nossa fé. Sua vida nos proporcionou, a cada passo, motivos suficientes para n’Ele cremos. É um dever de nossa parte crer em sua palavra, imitar seus exemplos, praticar sua lei, etc.; nisto consiste a obediência à ordem do Pai: “Escutai-O!”.

A fragilidade humana diante da glória de Deus

⁶ Quando ouviram isto, os discípulos ficaram muito assustados e caíram com o rosto em terra.

A voz do Senhor toca a fundo o coração dos inocentes, tal qual se deu com Pedro na barca ou com Tomé no Cenáculo: caem com a face por terra. Sobre os maus, seu efeito é bem o contrário: caem de costas, como sucedeu com os soldados que foram prender Jesus no Horto das Oliveiras.

São Jerônimo procura nos explicar as razões desta queda dos Apóstolos: “Por três motivos caíram aterrorizados: porque compreenderam seu erro, porque ficaram envolvidos pela nuvem luminosa e porque ouviram a voz de Deus que lhes falava. E não podendo a fragilidade humana suportar tamanha glória,



“Por três motivos caíram aterrorizados:
porque compreenderam seu erro, porque ficaram envolvidos pela nuvem
luminosa e porque ouviram a voz de Deus que lhes falava”

A Transfiguração do Senhor (detalhe) – Catedral da Transfiguração, Markham (Canadá)

ela se estremece com todo o seu corpo e toda a sua alma, e cai por terra: pois o homem que não conhece sua medida, quanto mais queira elevar-se até as coisas sublimes, mais desliza até as baixas”.¹¹

⁷ Jesus Se aproximou, tocou neles e disse: “Levantai-vos, e não tenhais medo”.

Além da onipotência de sua presença e de sua voz, Jesus quis tocá-los com sua própria mão. Esse fato nos faz recordar aquela passagem de Daniel: “uma mão me tocou, e fez com que me erguesse sobre os joelhos e as palmas das mãos” (10, 10). Tornou-se evidente para eles o quanto essa força partia de Jesus e não da natureza deles.

⁸ Os discípulos ergueram os olhos e não viram mais ninguém, a não ser somente Jesus.

Desaparecem de seus olhos a Lei e os profetas. Agora entendem experimentalmente o quanto Jesus é o Esperado das Nações.

Após a contemplação é necessário dedicar-se à ação

⁹ Quando desciam da montanha, Jesus ordenou-lhes: “Não conteis a ninguém esta visão, até que o Filho do Homem tenha ressuscitado dos mortos”.

Até mesmo no alto do Tabor terminam as alegrias, como sempre ocorre nesta Terra de exílio. É necessário descender do monte todos aqueles que, ademais, são chamados à vida ativa. Depois de se enriquecerem com as graças de Deus por meio da contemplação, é preciso abraçar as penosas tarefas da pregação e da caridade. E não deviam dizer nada a ninguém, “porque se fosse divulgada ao povo a majestade do Senhor, este mesmo povo se oporia aos príncipes dos sacerdotes e impediria a Paixão, e assim se retardaria a Redenção do gênero humano”.¹²

11) SÃO JERÔNIMO, apud SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Catena Aurea*, op. cit., v.5-9.

12) SÃO REMÍGIO, op. cit.

III - CONCLUSÃO

“**S**ou demasiadamente grande, e meu destino por demais nobre, para que eu me torne escravo de meus sentidos”.¹³ Esta foi a conclusão à qual chegou Sêneca por mera elaboração filosófica, sem ter a menor revelação de algo análogo à Transfiguração do Senhor. No Tabor, Jesus Cristo vai muitíssimo além: em sua divina didática, faz-nos conhecer



Antônio Alves

Peçamos à Mãe da Divina Graça que bondosamente nos auxilie
com os meios sobrenaturais a chegarmos incólumes,
decididos e seguros ao bom porto da eternidade: o Céu

Nossa Senhora das Graças – Casa dos Arautos do Evangelho, Suzano (Brasil)

13) SÊNECA. Epístola 65. In: *Obras completas*. Madrid: Aguilar, 1966, p.559.

uma parcela de sua glória nos reflexos da claridade própria a seu Corpo após a Ressurreição. Pálida exemplificação do que veremos no Céu, como fruto dos méritos de sua Paixão, dos fulgores de sua visão beatífica e da união hipostática. Como objetivo imediato, quis Ele fortalecer seus discípulos para assumirem com heroísmo as tristes provações de sua Paixão e Morte, à margem da manifestação de sua divindade. Porém, não era alheio aos seus divinos desígnios deixar consignado para a História quais são as verdadeiras e reais alegrias reservadas aos justos, *post mortem*.

Em contrapartida, o demônio, o mundo e o pecado nos prometem contentamentos com ares de absoluto. Entretanto, sua fruição é quase sempre fugaz e seguida de amargas frustrações; além do mais, ao término desta vida seremos lançados no fogo eterno como castigo, se não tiver havido de nossa parte um verdadeiro arrependimento, propósito de emenda e a obtenção do perdão de Deus.

No Tabor a voz do Pai proclama: “Escutai-O!”. Esta recomendação se dirige sobretudo a nós, batizados, pois somos filhos adotivos de Deus e, portanto, já passamos por uma imensa transformação quando ascendemos à ordem sobrenatural, deixando de ser exclusivamente puras criaturas. Porém, quando penetrarmos na ordem da glória, outra transformação se dará, pois seremos como Ele o é agora. Para lá chegarmos, convidamos Jesus a iniciarmos pelas agruras dos primeiros passos no caminho da virtude, sustentados logo depois por muita paz de alma e, por fim, sermos nós mesmos transfigurados no alto do Tabor eterno.

O Céu, por si só, é uma enorme manifestação da bondade de Deus, um riquíssimo tesouro de felicidade que Ele nos promete e um poderoso estímulo para aceitarmos com amor as cruzes durante nossa existência terrena. Confiemos nessa promessa com base nas garantias da Transfiguração do Senhor e peçamos à Mãe da Divina Graça que bondosamente nos auxilie com os meios sobrenaturais a chegarmos incólumes, decididos e seguros ao bom porto da eternidade: o Céu. ✧



**Jesus e a samaritana –
Convento da Encarnação,
Ávila (Espanha)**

Naquele tempo, ⁵ Jesus chegou a uma cidade da Samaria, chamada Sicar, perto de um terreno que Jacó tinha dado ao seu filho José. ⁶ Era aí que ficava o poço de Jacó. Cansado da viagem, Jesus sentou-se junto ao poço. Era por volta de meio-dia.

⁷ Chegou uma mulher da Samaria para tirar água. Jesus lhe disse: “Dá-Me de beber”.

⁸ Os discípulos tinham ido à cidade para comprar alimentos. ⁹ A mulher samaritana disse então a Jesus: “Como é que Tu, sendo judeu, pedes de beber a mim, que sou uma mulher samaritana?” De fato, os judeus não se dão com os samaritanos. ¹⁰ Respondeu-lhe Jesus: “Se tu conhecesses o dom de Deus e quem é que te pede: ‘Dá-Me de beber’, tu mesma Lhe pedirias a Ele, e Ele te daria água viva”. ¹¹ A mulher disse a Jesus: “Senhor, nem sequer tens balde e o poço é fundo. De onde vais tirar a água viva? ¹² Por acaso, és maior que nosso pai Jacó, que nos deu o poço e que dele bebeu, como também seus filhos e seus animais?” ¹³ Respondeu Jesus: “Todo aquele que bebe desta água terá sede de novo. ¹⁴ Mas quem beber da água que Eu lhe darei, esse nunca mais terá sede. E a água que Eu lhe der se tornará nele uma fonte de água que jorra para a vida eterna”. ¹⁵ A mulher disse a Jesus: “Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede e